



N. 8-59

Coordenador — Major AMERINO RAPOSO FILHO,
Instrutor da ECEME

SUMÁRIO

I — BASES FILOSÓFICAS

1. PERSEGUIÇÃO X CERCO

Maj Amerino Raposo Filho

2. QUAL O CAMINHO A SEGUIR ?

Ten-Cel Henrique Oscar Wiederspahn

II — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A GUERRA INSURRECIONAL

Ten-Cel Carlos de Meira Mattos

III — ORGANIZAÇÃO

A CAVALARIA SOVIÉTICA

Ten-Cel Obino Álvares



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOCTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — BASES FILOSÓFICAS

1 — PERSEGUIÇÃO X CÊRCO

Maj AMERINO RAPOSO FILHO

SUMÁRIO

- 1 — Da Antiguidade à Era Napoleônica
- 2 — De Napoleão à 1ª Grande Guerra
- 3 — Exemplos da 1ª Grande Guerra
- 4 — Depois da 1ª Grande Guerra
- 5 — Conclusões Parciais

1. DA ANTIGUIDADE À ERA NAPOLEÔNICA

Entendida a perseguição no quadro da guerra atual, vejamos como se processava a fase decisiva das batalhas da antiguidade, com suas características próprias de combates violentos e de curta duração, às vezes não ultrapassando uma hora.

Buscava-se, então, o aniquilamento das forças adversárias por uma ação decisiva que resultava, normalmente, do choque inicial, violento e brutal, do grupamento principal dos atacantes, decorrência imediata da batalha campal. Não se notava, propriamente, uma distinção entre as forças destinadas a participar da ofensiva geral, ou, melhor, os elementos encarregados do acabamento da batalha, de sua fase decisiva, muitas vezes integravam as forças que faziam a ação inicial, de ruptura. Até mesmo quando a intenção do comando era realizar uma ação envolvente, comumente o grupamento previsto para a fase mais importante da manobra participava do primeiro tempo. E era natural assim acontecesse, dada a largura e, sobretudo, a profundidade do espaço operacional em que se procurava a decisão estratégica ou tática. As possibilidades dos meios de apoio respondiam por essa realidade; só muito mais tarde os exércitos contarão com as armas de fogo, que vão conferir novas características às operações.

As fases da ruptura e do aproveitamento do êxito eram simultâneas; pelo menos, pouco se diferenciavam. O choque decisivo, o momento culminante caracterizava, muitas vezes, o acabamento da batalha e o aniquilamento do exército adversário. Portanto, a perseguição aparecia como a operação final, sem uma associação íntima com outros tipos de operação. É o que se observa em ARBELAS, por exemplo, sendo talvez por isso que a perseguição aos persas, já derrotados à direita e no centro, não foi conduzida a fundo.

Empregavam os antigos na perseguição as tropas mais móveis de que dispunham, isto é, a cavalaria e a chamada infantaria leve, as quais, uma vez lançadas sobre o inimigo batido, recebiam a incumbência de não mais lhes dar trégua. Devia o combate ser levado à exaustão. Compreendia-se, então, a perseguição como a operação decisiva, culminante

da batalha, como, de resto, hoje se conceitua; àquela época, no entanto, o quadro era extremamente restrito. Limitava-se, muita vez, ao horizonte visual.

Com o advento de estruturas poderosas e manobreadas, como a Falange e a Legião, representativas do gênio militar helênico e romano, respectivamente, já se nota um sentido novo à Batalha campal e ao seu ato derradeiro. É bem verdade que a formação grega, embora excelentemente empregada por ALEXANDRE, não era adequada à perseguição, por ser um instrumento que "formava uma pesada massa de homens estreitamente unidos, que uma cintura de piques tornava inabordável". Embora contasse da ordem de 6.000 infantes de linha e uns 2.000 em reserva, sua formação de combate era mais extensa que profunda, desdobrando-se, o conjunto em duas linhas. Já o mesmo não se dava com a legião romana, que se prestava magnificamente às ações à base da sucessão de esforços. Sua formação em profundidade, em filas, vai credenciá-la a um bom emprego no combate. A flagrante superioridade dessa estrutura sobre a falange evidenciava-se, de modo completo, na batalha de ZAMA. Flexível, bem articulada, prestava-se a uma legião a um sem número de combinações, de acordo com o terreno e a formação adotada pelo adversário em sua ordem de batalha. Guardava uma reserva poderosa para o esforço final. Deixamos de lado ZAMA, que culmina em duplo envolvimento do exército derrotado, para focalizar uma outra operação, a de FARSÁLIA, onde a perseguição aparece como uma fase perfeitamente caracterizada, em seguida à batalha. Aí CEZAR com legiões leves, flexíveis, prepara-se para enfrentar POMPEU com forças numerando o dobro. Mas essa inferioridade é obviada pelo desdobramento dos meios romanos e o aproveitamento do terreno, de tal forma que CEZAR consegue manter 6 côrtes em reserva. E é graças, principalmente, à ordem de batalha adotada, que o chefe romano consegue lançar a reserva numa perseguição implacável, impiedosa às forças de POMPEU. Nesta batalha daria CEZAR realce à afirmativa de SUN TZU, o primeiro clássico da arte militar, quando escrevia, 500 AC, que a perseguição era a "ponte de ouro" da vitória, pois permitia a destruição do adversário, pelo menos em melhores condições que cercando-o previamente.

Antes de encerrarmos êsses respigos sobre a perseguição nas batalhas da antiguidade, vejamos como a ela se referia um outro clássico da guerra, VEGETIUS, que viveu por volta de 400 a 300 AC. Encontramos em sua famosa obra "AS INSTITUIÇÕES MILITARES DOS ROMANOS" interessantes idéias sobre Perseguição, como por exemplo:

- uma perseguição conduzida de modo lento e sem determinação, expõe o Exército que a realiza a considerável perigo, podendo suas tropas serem facilmente canalizadas para emboscadas;
- em consequência, a perseguição deverá ser levada a fundo e com o máximo de rapidez, em detrimento da segurança, pois "quanto maior a precaução, maior o perigo".

Porém, o que impressiona no estudo citado é a parte referente aos grupamentos encarregados da perseguição. O que aí se contém se refere, em realidade, ao que hoje denominamos forças de pressão direta e de cerco. Vejamos as idéias:

- organiza-se uma pequena força de cavalaria encarregada de perseguir o inimigo que se retira, atuando frontalmente;
- ao mesmo tempo um forte destacamento é enviado, sob o maior sigilo, por outra direção para cortar a retirada do inimigo.

Logo a seguir argumenta o mestre romano :

- uma vez cerrado o contato com o inimigo, a cavalaria ataca-o fracamente e se retira ;
- o inimigo, então, imagina ter passado o perigo, prosseguindo sua marcha despreocupado e sem regularidade ;
- nessa oportunidade, o destacamento enviado para interceptá-lo, aproveita a oportunidade, caindo de surpresa sobre a força retirante, destruindo-a facilmente.

Ora, daí poder-se-á inferir que desde que as forças militares configuram-se como verdadeiras instituições — vencida portanto a fase em que os grupamentos chamavam-se hordas e, não, propriamente, Exércitos — já de então o conceito de Perseguição se afirma com aceção muito semelhante à atual conformação dessa fase da Batalha. Naturalmente, que sofrendo o impacto do estágio em que as estruturas organizacionais se apresentavam. Apenas isso. E, note-se : viviam os antigos o período áureo das batalhas campais, à base dos choques violentos a arma branca; quando “uma vez no campo de batalha, a tática tudo decidia. O vencido não via outro caminho diante de si, senão o da fuga e a idéia de uma segunda posição para proteger a retirada e deter o inimigo, não lhe ocorria pela razão muito simples de que essa manobra era impraticável no sistema de luta a arma branca. O vencedor perseguia o inimigo à *outrance*, sem jamais parar, até que ele se engajassem e, então, procurava matar muitos homens para melhor constatar ou consolidar o seu triunfo” (DE LAVERNE, *L'Art de la Guerre dans les nations, les plus célèbres*, pg 264).

Depois da antiguidade clássica, não poderia a guerra fugir à regra das demais ciências e artes, com seu longo período de trevas e confusão de idéias e de objetivos a atingir. Assim é que não se nota continuidade na maneira de fazer a guerra, já que sua concepção se torna pouco definida. Apela-se muito para a guerra de Cêrco, em detrimento da batalha de aniquilamento. A Perseguição perde aquele sentido tão significativo e decisivo para as operações militares, como a queriam chefes do tipo de CEZAR e ALEXANDRE e a compreendiam FRON-TINUS e VEGECIO.

Mas o século da Renascença aparece, com seu desabrochar pleno de idéias fecundas e procura-se ganhar o tempo perdido, inspirando-se os chefes militares e os teóricos de então nos mestres da antiguidade clássica. As próprias estruturas militares evoluem no sentido de apresentar maior homogeneidade das forças em campanha. Os Exércitos, no entanto, continuam com efetivos reduzidos, da ordem de 30.000 homens, o que acarretará reflexos no modo de conduzir a guerra e, sobretudo, a batalha campal. Porém, já se nota novamente a preocupação do aniquilamento do inimigo em seguimento ao choque decisivo. A própria organização do Exército em vanguarda, batalha e retaguarda, tudo constituindo uma só Ordem de Batalha, já insinua a necessidade de se guardar um elemento poderoso para atuar após a luta principal.

As Operações Ofensivas compreendem 3 fases :

- Preparação, caracterizada pela atuação da infantaria ligeira e visando a compelir o Exército inimigo ao engajamento ;
- Ataque, choque violento contando com intensa participação de todas as armas ;
- Decisão, operação seguinte ao ataque, conduzida pela cavalaria e, às vezes, infantaria leve.

A decisão nada mais era que a destruição do inimigo, já derrotado na fase anterior. A Perseguição aí estava, sem dúvida.

E assim vão as instituições militares até o século XVIII, quando nova renúncia à batalha campal se acentua. Já a substituição da arma branca pela arma de fogo provocara verdadeira revolução nos processos de ação, influenciando nas formações para o combate como, de resto, na própria tática. O mosquetão e o canhão conferem maior amplitude ao compartimento da luta campal, apelando-se mais para a ordem aberta que pela em profundidade. Razões de toda ordem, sobretudo políticas, fazem que os Exércitos tendam mais para o Cêrco e visando a objetivos geográficos — pontos geográficos ou pontos-chave, como eram denominados — que para a procura do choque com o Exército inimigo. Essa maneira de conduzir a guerra encontra em GUSTAVO ADOLFO fervoroso adepto, que isso convinha, inclusive à política de seu país. Surge a chamada “guerra metódica”; o aniquilamento do adversário passa a plano secundário. Tudo visa à posse das “cidades fortificadas da POMERÂNIA, BRANDEBURGO e do eleitorado de MAGDEBURGO” (Cel DERVIEU). A guerra dos 30 anos configura-se como a guerra das manobras, para fugir “às incertezas de uma batalha decisiva”, como afirmou o próprio GUSTAVO ADOLFO em TORGAU. Novamente as fortificações, permanentes ou não, evitavam-se, dêste modo, derrotas possíveis, porém, jamais seriam obtidos resultados decisivos. Abandona-se a falange pela legião, que melhor se prestava à guerra metódica. Não se encontra, portanto, nesse período perfeitamente caracterizada a Perseguição mas, sim, o Cêrco. Surge a necessidade de destruir o inimigo, quando, pelo sítio das cidades não se tornasse possível atingir à finalidade da campanha.

Mas, eis que nova tentativa se processa no domínio da tática em benefício da Perseguição. A batalha passa a comportar as seguintes fases:

- 1ª, caracterizada pela atuação da infantaria e seu afastamento da frente de batalha para possibilitar a atuação da artilharia;
- 2ª, onde se dava o duelo da artilharia, entre 400 e 500 passos, durante longo período;
- 3ª, que se iniciava com o avanço da infantaria, em rigorosa formação, para o corpo a corpo, para romper as duas linhas de defesa do inimigo;
- 4ª, finalmente, em que se realizava a perseguição do exército derrotado, conduzida principalmente pela cavalaria.

Ainda no meado do século XVIII as operações ofensivas apresentavam nova significação quanto à procura da batalha decisiva, que o gênio militar de FREDERICO II a isso conduzia, especialmente depois do decênio que se seguiu à paz de DRESDE, em 1745, até o início da famosa guerra dos 7 anos. Inspirando-se nas campanhas da antiguidade, colhe o rei prussiano excelentes ensinamentos de LEUTRAS, ARBELAS e FARSÁLIA, daí emergindo, além da concepção da ordem oblíqua, também a idéia de que, realmente, o principal objetivo nas manobras estratégicas deve ser a massa dos Exércitos inimigos. A destruição das forças adversárias prepondera sobre quaisquer outras considerações no quadro da manobra, convergindo-se todos os esforços no sentido de que a decisão seja buscada, então, na batalha campal. Convém lembrar, no entanto, que FREDERICO não ficara inteiramente desligado da concepção estratégica da “guerra metódica”, dada a dificuldade de se atender, com eficiência, “aos princípios da economia de forças e da massa. Seria necessário o surgimento de uma nova estrutura de combate — o que, pouco depois se consubstancia na Divisão — que possibilitasse a plena aplicação das idéias do rei-soldado. Por isso mesmo, quando FREDERICO falava na conduta após a batalha, acentuava que a perseguição deveria ser conduzida, com o máximo de

impulsão e o mínimo de segurança, mas até o primeiro desfiladeiro. O fracionamento de seu Exército em vários grupamentos, para atender às diferentes fases da batalha, sem escalões de comando intermediários para coordenar as ações, fazia que a perseguição, principalmente, não pudesse ser conduzida a uma profundidade considerável. Mesmo assim, dizia FREDERICO em suas INSTRUÇÕES DE 1747, "quando o Exército inimigo se retira, devemos organizar destacamentos, principalmente quando se pretende dominar 2 ou 5 cidades ao mesmo tempo. No entanto, as condições particulares de cada caso vão ditar a conduta a seguir".

(Continua no próximo número)

DOCTRINA PARA TO SUL-AMERICANO

"Trata-se essencialmente de:

- respeitar a Doutrina, a parte permanente (ou menos variável) da experiência da Guerra;
- utilizar os Processos, tanto na Organização, como na Tática, como na Estratégia, escolhendo e adaptando os mais adequados às circunstâncias particulares ao meio e às modalidades da Guerra em cada Teatro de Operações, encarando quer o caso de se dispor de aparelhamento completo, quer também o de possuírem recursos deficientes e muito aquém das necessidades. É preciso, repito, encarar a Guerra do rico, dos meios poderosos, mas não abandonar a eventualidade da Guerra com recursos reduzidos.

Não se trata de copiar servilmente nenhum regulamento, nenhuma organização, mas de adaptar com inteligência.

Não se trata de aceitar cegamente opiniões alheias, mas de analisá-las, compreendê-las para aplicá-las com critério pessoal.

Adaptação inteligente, flexibilidade de espírito na aplicação dos processos de guerra. Eis a pedra de toque de nossos estudos, das nossas concepções e das nossas realizações. Como vimos, a diversidade dos TO eventuais e a situação ocasional dos meios de guerra, impõem soluções várias para cada caso, as quais, por sua vez, terão que se modificar à medida dos progressos do país e do aumento de possibilidades das organizações armadas."

Ten-Cel T. A. ARARIPE

(Trecho dum trabalho sobre Doutrina na América do Sul)

2 — QUAL O CAMINHO A SEGUIR ?

Ten-Cel HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN

Nota do Redator :

Por deferência toda especial do Ten-Cel Wiederspahn para com os leitores de "A Defesa Nacional", recebemos para publicação em primeira mão, parte dos capítulos que integram seu excelente e ansiosamente esperado trabalho "Cannae e Nossas Batalhas", em edição completamente refundida, comportando dois volumes, de um estudo anterior, publicado pela primeira vez em 1934. Desta feita, revestindo-se de características, não mais de ensaio, antes de aprofundada análise no campo filosófico-militar — de que as partes, por exemplo, "Cultura Geral e Preparo do Alto Comando" (40 págs.), "A Evolução do EM como Órgão de Comando" (100 págs.), e "Moltk e o Legado Schlieffeniano", integrantes do 1º volume, dão bem a medida desse estudo. As idéias expostas, afloram com exuberância e espontaneidade, revelando por outro lado sólida base cultural-militar, toda ela orientada no sentido que convém à Defesa Nacional.

Embora não seja nosso propósito comentar os diferentes trabalhos do ilustre estudioso de nossos problemas militares — de quem muito ainda esperamos, no campo filosófico de nossa História Militar — apenas apresentaremos o capítulo que adiante vai ser lido.

Trata-se precisamente, do "Preâmbulo Necessário", abrindo o 1º volume de "Cannae e Nossas Batalhas", o qual, por nimia gentileza do autor (autorizando que mudássemos o título e o primeiro parágrafo), será apresentado como "Qual o Caminho a Seguir"?

Esse estudo interroga, em verdade, sobre a objetividade de nossa preparação militar, em face da Guerra Moderna, suas características e decorrências, no quadro mundial, regional e limitado. Ou mesmo, em conformidade com a Guerra Revolucionária, que se configura de modo peculiar e de concepção, planejamento e conduta operacional bem diferentes da Guerra Regular. O autor denuncia sua angustiante expectativa, diante do "de quoi s'agit il?", em face das missões que nos são cometidas pela Carta Magna e, também, consoante os compromissos no quadro internacional, com o Mundo Ocidental.

Depois de passar por alto sobre as diferentes formas e tipos de Guerra Moderna. Regular ou Revolucionária, Geral ou Limitada, Atômica ou Convencional, levanta o Ten-Cel Wiederspahn interessantes perguntas, relativamente a nossas áreas geo-estratégicas, lembrando que aí, a guerra deve ser diferente, com características próprias e peculiares. Ao mesmo tempo, apela no sentido de romper-se com a rotina, dizendo: "Tanto esta rotina imobilista e burocrática, como a carência de condições favoráveis à adaptação a circunstâncias novas, influenciadas ou não por preocupações absorventes de super-inovadores, dificultam sistematicamente toda continuidade doutrinária".

Deixemos, no entanto, o leitor em contato direto com o trabalho do Ten-Cel Wiederspahn...

MAJ A. RAPOSO FILHO

É possível e até justo, em parte, que os assuntos tratados aqui, pareçam algo supérfluos e mesmo anacrônicos e ultrapassados, não só pelo alarde provocado pelos teóricos da guerra total atômica, como

também pela predominância entre nós, daqueles que se sentem por demais empolgados por problemas puramente econômicos e político-sociais. Mas o grande interesse demonstrado por estes mesmos problemas materiais e sociais do momento, mercê de "slogans" que apaixonam, não só nossas elites civis e militares, como também nossas classes médias e proletárias, nas cidades, no campo e no sertão, não deve e nem pode afastar as forças armadas nacionais de sua missão precípua, aquela que as faz pesar tanto em nossos orçamentos federais, a de preparar-se na paz para a eventualidade da guerra, seja esta qual for!

Não podemos negar que, em regra, a literatura militar raramente se possa apresentar com grandes atrativos literários ou artísticos para um leitor interessado, seja este um profissional da carreira das armas ou mesmo um civil dotado de ampla visão patriótica. É que com suas constantes repetições de detalhes, tal literatura chega a parecer um tanto cansativa e enfadonha. Mas será cansativo e enfadonho aprimorar-se, direta ou indiretamente, naquilo que possa relacionar-se com questões ligadas à defesa nacional e até à vitória num conflito armado, interno ou externo? Embora conste tudo bastante resumidamente, quase sem rodeios e sem repetições, em nossos regulamentos e manuais de instruções vigentes, bem estudados e conhecidos tanto por nossos chefes civis como militares, de acordo com uma doutrina adotada e sobejamente proclamada, a realidade histórica comprova quão facilmente se esquecem detalhes importantes e mesmo fundamentais sobre o campo da batalha, no decorrer da execução de operações planejadas com esmero. É que na guerra se faz sempre o possível, aplicando exclusivamente o que se pode, segundo o que se sabe!

Tudo é necessário, nada é supérfluo então, a não ser o temor excessivo, a audácia cega da imprevidência e o imobilismo provocado pela indecisão. Somos todos seres humanos, nada diferentes que os demais, nascidos ou não dentro de nossas fronteiras e deste nosso continente. Tanto nossas qualidades como nossos defeitos e fraquezas, tanto individuais como coletivas, empregadas com critério e ponderação e no dado momento, nos ajudarão a realizar grandes feitos! Os psicólogos ensinam que, exatamente em sua luta contra os próprios complexos de inferioridade, é que os indivíduos de nossa espécie humana encontram forças mentais para sobrepôr-se aos infortúnios e aos obstáculos julgados intransponíveis! Também os grandes gênios foram humanos, cheios de fraquezas e de complexos assim, muitos deles vitimados por suas próprias qualidades de super-homens aparentes! Assim não é demais o que apresentamos a seguir. Se sua linguagem nem sempre agrada, por falta de beleza artística e literária, por contrariar conceitos generalizados, devemos considerar que um assunto como este não cabe bem num romanciano histórico e nem num poema épico de exaltação patriótica!

Relembrar a experiência do passado, tantas vezes olvidada por vultos dos mais responsáveis pelos destinos dos povos em momentos cruciantes e mesmo decisivos, não só das respectivas nacionalidades, como também de toda a Humanidade, principalmente quanto aos erros cometidos, constitui o único meio de se por em dia no presente, com os olhos fitos no futuro! Assim, todos os ensinamentos proporcionados pela História Militar propriamente dita, pelo que ainda permanece de pé de toda a genialidade napoleônica e dos herdeiros e transformadores de sua obra guerreira e política, vencedores alguns, vencidos outros, continuam exigindo nossa atenção! Sem descuidar de episódios isolados, mesmo daqueles que se nos apresentem, como dos mais insignificantes de nosso passado militar, sem conhecermos a essência das causas que alhures auxiliaram ou dificultaram a plena execução de operações cuidadosamente planejadas, repetiremos muitos daqueles mesmos erros cometidos, tanto por omissão, como por falta de base experimental!

Disponemos aqui no continente americano de um vasto "império", num todo contínuo e sem veleidades a domínios ultramarinos, livre, pois, de problemas que possam desviar nossas atenções para além de nossa base física nacional. Embora ligados a compromissos internacionais perante nossas co-irmãs americanas e perante a Organização das Nações Unidas (O.N.U.), firmados com a nossa presença efetiva no Oriente Próximo, entre o canal de Suez e o Estado de Israel, nossas preocupações aqui mesmo continuam a merecer cuidados todos especiais. As mais variadas características de nossas regiões geográficas, algumas de difícil e precário acesso, a não ser com o auxílio do avião, entrecortadas, em sua maioria, por vastas áreas praticamente despovoadas, algumas alagadiças e outras ainda obstruídas por densas matas virgens tipicamente tropicais como as da Indo-China, da Malásia e mesmo da África Equatorial, exigem dos responsáveis pela defesa militar do Brasil, um preparo multiforme e que de muito se aproxima ao dos métodos convencionais da especialização técnica e tática das chamadas guerras limitadas. Isto não significa, em absoluto, que deixemos de estimular aqueles que, patrioticamente procuram especializar-se de acordo com as atuais teorias da guerra total atômica e de seus processos revolucionários!

É que sob o impacto da rendição incondicional e quase imediata do Japão, em 1945, considerada como consequência daquela bomba atômica americana lançada sobre Hiroxima, generalizou-se a idéia de que, com o auxílio de uma potente força aérea estratégica e do armamento moderno, evoluído após aquela 2ª Guerra Mundial, tanto da mesma bomba atômica, como dos teleguiados iniciais alemães, os famosos V — 2, tudo o que se relacionasse com os sistemas de conduta de guerra anteriores, deveria ser abandonado, como anacrônico e ultrapassado. Na era do avião a jacto, cada vez mais rápidos e potentes, dos chamados mísseis nucleares, do começo da conquista do espaço interplanetário, certos dirigentes, tanto civis como militares, da política internacional das grandes potências modernas, logicamente prefeririam dedicar todos os seus esforços, visando à guerra total atômica, como único meio de manter a paz. Não tardou em que fôssem desprezando potencialmente seus exércitos superespecializados, em proveito de certas pretensões exclusivistas da força aérea e mesmo da marinha de guerra atualizada. Enquanto se reforçavam as chamadas forças ofensivas nucleares, reduziam-se as forças convencionais terrestres, apesar das tristes surpresas experimentadas, em plena era atômica, em duas das principais guerras limitadas de após 1945, a da Coreia e a da Indo-China.

Em ambas, nada conseguiu o simples potencial aéreo e naval, moldado segundo as idéias novas citadas. Dadas as circunstâncias locais, os beligerantes se viram obrigados a usar dos mesmos meios convencionais julgados como inteiramente ultrapassados. Se na Coreia os exércitos terrestres dos Estados Unidos, apoiados pela aviação tática e pela marinha, atuando esta como artilharia de longo alcance, com a cooperação de contingentes internacionais da Organização das Nações Unidas, conseguiriam terminar aquela guerra limitada de maneira satisfatória, o mesmo não se deu na Indo-China, onde a França, apesar dos sacrifícios e da bravura de seus legionários estrangeiros e de seus pára-quedistas, acabaria obrigada em abandonar todas as suas antigas posições político-militares no Extremo Oriente. Os sucessos posteriores na Hungria e no Oriente Próximo, tanto em torno do canal de Suez, como no Líbano, mostram claramente como esta verdadeira "hipertrofia da guerra", provocada pela doutrina do predomínio dos meios nucleares e da força aérea estratégica sobre os demais, acabaria lançando a todos num verdadeiro bêco sem saída!

A idéia da guerra total atômica sofrera, assim, já durante a guerra limitada da Coreia, seu primeiro revés psicológico, tal como se fôsse

um moderno Golias diante de outro pequenino David convencional, isto é, da pretensa supremacia absoluta da força tecnocrática do material ultra-possante, diante das subtilezas da força da inteligência humana! Blindados usados sem obediência aos preceitos táticos vitoriosamente desenvolvidos pelos alemães em 1940 e, depois, pelos próprios americanos em 1944, tropas terrestres operando segundo os mesmos métodos de ataque e defesa que os das armas convencionais na campanha da Rússia, entre 1941 e 1945, quase que lançaram ao mar os pequenos contingentes americanos de segurança e de ocupação! E então possuíam os Estados Unidos verdadeira superioridade estratégica aérea, com seus grandes bombardeiros atômicos, mas, seus dirigentes políticos, nem ao de leve, haviam imaginado que, possuindo aqueles novos e formidáveis meios materiais, suas tropas terrestres semidesmobilizadas, já fôsem novamente empenhadas daquele modo na Coreia! No entanto, também por lá e mais de uma vez, situações gravíssimas de crise locais, somente seriam solucionadas mediante contra-ataques à baioneta, graças ao valente batalhão expedicionário francês e aos contingentes dos não menos bravos e afoitos colombianos e turcos, lançando-se seus homens contra o poderio do fogo e do material adversário!

A condução da guerra total atômica tende naturalmente a hipertrofiar grande parte de seus mentores, por força de facilidades aparentes de seu planejamento, tôdas exclusivamente baseadas na ilusão de uma supremacia absoluta do material, ligada às próprias possibilidades industriais, aéreas e científicas. Super-lacionalizando, assim, até mesmo o próprio potencial da inteligência humana, os mesmos mentores correm o perigo de retrogradar ao uso de métodos e princípios mui parecidos com aqueles vigentes nos meios militares da Europa pré-napoleônica. Este perigo, de tendências unilaterais mui pouco maleáveis, faz-nos lembrar as idéias resultantes dos planejamentos algo esquematizados, nas grandes batalhas de materiais durante a 1ª Guerra Mundial, na França, entre 1916 e 1918, principalmente, responsável evidente da doutrina tática e estratégica que se mostraria incapaz de fazer frente a situações tão inesperadas, como a do emprego dos blindados alemães em 1940. Seus resultados podem ser catastróficos, pois provocam uma delimitação prejudicial à capacidade de mobilidade mental, segundo normas doutrinárias comuns, necessária a todos os componentes da oficialidade de estado-maior, sem a qual este perde inteiramente sua razão de ser!

Se a noção de uma guerra total atômica somente pode ser desenvolvida no âmbito de grandes potências, ricas em recursos materiais e intelectuais apropriados, na época atual, tal situação ainda continua a ser um monopólio quase exclusivo dos Estados Unidos e da Rússia Soviética. Isto não quer dizer que, as demais, não devam preparar e desenvolver seus próprios meios, principalmente humanos, criando, desde já, um incentivo entusiasta em equipes especializadas, tanto entre seus oficiais de estado-maior, como entre seus cientistas mais evoluídos! No entanto, para estas outras potências, grandes e pequenas, a idéia fundamental tem que ser, a da primazia fundamental da guerra limitada. E guerras limitadas foram as do Chaco, da Abissínia, da Coreia, da Indo-China, do canal de Suez e do Líbano, tal como tôdas as outras que poderemos chamar de simples guerras insurrecionais, como as da China, da Palestina, da Grécia, da Hungria, além de muitas outras semelhantes às de Chipre e de Cuba. Características plenas de guerras limitadas, embora sem derramamento de sangue, mas tôdas elas devidamente planejadas, quanto aos seus aspectos operacionais, apresentam-nos também os episódios brasileiros da repressão da insurreição de Jacuacanga, no nosso "hinterland", e da repressão à chamada "marcha da produção", no Paraná e no interior de São Paulo! Até mesmo a movimentação de nossos meios convencionais, em terra, no ar e no mar, quando dos sucessos político-militares de novembro de 1955, planejados de improviso

ou não, a concluir-se de tudo o que nossa imprensa vem divulgando desde então, principalmente naquilo que tem sido objeto de constantes controvérsias da parte de alguns de seus principais participantes, não deixou de apresentar certas características de guerra limitada, com ensinamentos psicológicos e logísticos apreciáveis!

Tudo isto comprova plenamente, a exemplo do sucedido com os Estados Unidos desde as experiências da Coreia, da Indo-China e do Oriente Próximo, que o potencial militar de um povo não pode ser medido exclusivamente segundo suas possibilidades materiais, pelas de suas finanças, de seu comércio e de suas indústrias, embora tais possibilidades se achem intimamente ligadas à manutenção de forças armadas nacionais e associadas, bem como de sua essência puramente humana, evoluída segundo uma constante primazia da inteligência sobre a matéria! Mesmo assim, esta evolução firmar-se-á de acordo com diretrizes da política interna e externa do respectivo governo, cujos responsáveis nem sempre se deixam orientar de acordo com a realidade dos fatos, sofrendo daquela amnésia, mencionada em arguta expressão de nosso Ruy Barbosa, facilmente esquecem todas as experiências negativas de um passado recente, sem falar nos do mais remoto. Descuidados com o preparo militar próprio, sofrem estes mesmos elementos o impacto da realidade, fruto de tal descaso em períodos de paz relativa, parecido aqueles que chegaram a alarmar duas vezes consecutivas, aos membros do Congresso dos Estados Unidos, tanto em 1917, como em 1940, verificado a quase inexistência daquele potencial militar, já às vésperas de participar efetivamente em conflitos de grande envergadura!

Então, quase em pânico, concedem ao governo todos os meios legislativos para uma mobilização total, tanto humana como material, apesar das anteriores relutâncias doutrinárias. Muitos transformam-se inteiramente, passando de pacifistas e não-intervencionistas, nos mais apaixonados belicistas e militaristas entre seus pares, desde que o conflito se apresente como popular e inteiramente aceito pela opinião pública do país, exigindo do preparo e da capacidade de todos os chefes militares o máximo possível. Felizmente encontram sempre entre estes, sinão a maioria, ao menos um grupo de profissionais entusiastas que nunca se deixaria abater pelo desânimo e pela descrença, apesar das deficiências orçamentárias e de toda sorte de obstáculos opostos por elementos rotineiros da própria classe! Como em toda parte do mundo, em todas as profissões e em todos os exércitos, este grupo de "teimosos" ou de "novos Caxias", segundo termo de nossa gíria de quartel, forma-se sempre em torno de entusiastas e idealistas que resistem sistematicamente às infiltrações políticas, aos acenos de melhores possibilidades econômicas em funções administrativas ou industriais, civis e até mesmo às acomodações burocráticas, acabamos por abandonar toda preocupação ligada ao aprimoramento do preparo próprio e de seus subordinados! Sempre coube aquele mesmo pequeno grupo a missão de suprir-se, por esforço próprio e sem contar, mesmo, com o auxílio governamental, sobrepondo-se à falta de material de instrução adequado e, acima de tudo, à falta de compreensão de superiores hierárquicos e de companheiros acomodados, a fim de manter viva a chama do "fogo sagrado", através do estudo individual de todos os problemas militares em evolução!

Enquanto até mesmo nos Estados Unidos e na Rússia Soviética, as duas grandes potências atômicas do momento, procuram grupos como os acima citados, com ou sem o apoio declarado das autoridades responsáveis pela defesa nacional, dar aos respectivos exércitos permanentes de paz uma estrutura de acordo com as verdadeiras exigências da tática, do armamento e da organização resultantes também das experiências colhidas na Coreia e na Indo-China, combinando os chamados meios convencionais aos aplicáveis dos meios nucleares modernos em guerras limitadas, sem descurar de uma possibilidade, algo

remota e mesmo pouco provável, de uma guerra total aniquiladora atômica, não é justo e nem patriótico, fiquemos aqui, no Brasil, cooperando no desgaste daquela herança deixada pela benemérita Missão Militar Francesa de 1920, enredando-nos em subtilezas criadas pelo choque constante da rotina contra a evolução! Tanto esta rotina imobilista e burocrática, como a carência de condições favoráveis à adaptação a circunstâncias novas, influenciadas ou não por preocupações absorventes de super-inovadores, dificultam sistematicamente toda continuidade doutrinária, provocando um ambiente que, mui facilmente, nos poderá colocar em situação nada agradável, frente a imprevistos!

Entre nós, muito mais que em alguns países territorialmente pequenos e razoavelmente populosos, tais problemas relacionados com a defesa interna e externa, passam a tomar vulto verdadeiramente preponderante, dadas as imensas áreas ainda inexploradas e praticamente abandonadas de nosso patrimônio territorial de cerca de oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Com esta extensão, penosamente coberta pelos únicos meios de comunicações rápidas e quase instantâneas existentes, o avião e o rádio, ainda no começo de um aproveitamento adequado de seus fabulosos recursos naturais, explorando entusiasticamente o petróleo e outras fontes de energia nativa, desenvolvendo suas indústrias básicas, não será apenas com preocupações excessivas de economizar divisas (dólares) e estimulando nossas forças armadas num sentido puramente econômico, que daremos a necessária garantia militar ao bem estar comum no Brasil! Esta garantia dependerá sempre muito mais de uma razoável eficiência dos quadros de sua força armada, tanto de seus oficiais, como de seus sargentos, do que de suas disponibilidades materiais! O material, inclusive o armamento mais moderno, pode ser rapidamente fabricado ou adquirido, mas o valor profissional, cultural e técnico, somente através do esforço prolongado, pelo estudo e pelo raciocínio constantemente desenvolvido!

HISTÓRIA MILITAR E DOCTRINA MILITAR

- “Os melhores ensinamentos para o futuro se encontram nas lições do passado.”

General H. C. B. VON MOLTKE

- L. Rousset, ao estudar a personalidade de Von Moltke, Chefe do Estado-Maior Alemão durante 30 anos, escreveu:

“Desprovido de gênio criador e tendo disso consciência, não procurou ele inventar uma nova forma de arte, mas apenas reencontrar, no exame atento e refletido das guerras anteriores, o segredo da conduta das grandes operações, que parecia perdido. Assim procedendo, mostrou-se mui sábio e avisado, pois dessa forma se tornava tangível e, ao mesmo tempo, acessível ao maior número o objetivo consagrado nos altos estudos militares.”

- “Para compreender-se a evolução normal da Doutrina Militar e prever seu desenvolvimento futuro, é essencial um conhecimento generalizado de História Militar.”

General BLUMENTRIT

Livros publicados pela BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA :

- 1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 Volumes) — Cel Genserico de Vasconcellos.
- 2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO — Gal Tasso Frago.
- 3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO — Ten-Cel Antonio de Souza Júnior.
- 4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Gen Tasso Frago.
- 5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL — Gen F. de Paula Cidade.
- 6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS — Cel J. B. Magalhães.
- 7 — DO RECONCAVO AOS GUARARAPES — Maj Antonio de Souza Júnior.
- 8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA E O PARAGUAI — Gen Tasso Frago.
- 9 — COMPREENSÃO DA UNIDADE DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 10 — EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 11 — OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — Gen Tasso Frago.
- 12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI — Dionísio Cerqueira.
- 13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR — Ten-Cel Umberto Peregrino.
- 14 — RICARDO FRANCO — Gen Silveira de Melo.
- 15 — ANTONIO JOÃO — Gen V. Benício da Silva.
- 16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERICANA — Cel F. Paula Cidade.

II — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A GUERRA INSURRECIONAL

Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS
Instrutor da ECEME

NOTA DO REDATOR

Em que pèse o extraordinário desenvolvimento do conceito de Guerra Convencional, ortodoxa — que de tal forma se amplia, envolvendo cada vez maiores espaços operacionais, a ponto de configurar a Guerra Total, no século passado e início do atual, agora superada pela Guerra Global — paradoxalmente, aflora, e também de maneira relevante, outra modalidade de “prosseguir a política por outros meios...”. De fato, se o campo da Guerra Regular sofreu sensivelmente com o impacto da Revolução Industrial do meado do século XIX, precisamente após o período napoleônico, passando a comprometer toda a Nação — como, aliás, mostramos em nosso comentário do número anterior de “Doutrina Militar Brasileira” — inegavelmente emerge nova interpretação à Concepção e à Conduta da Guerra. Não que tivesse aparecido outra forma de luta, que as guerrilhas, as lutas de libertação, a guerra irregular, enfim, sempre existiram, desde os tempos mais remotos da história militar. Todavia, atualmente apresentam-se as duas manifestações, no campo da Estratégia assim como na Tática até mesmo simultaneamente no mesmo TO, coexistindo num quadro único, conceitual e operativo.

Na verdade, não se pode pensar em Guerra Moderna, sem considerar-se, igualmente, a Guerra Regular e a Guerra Revolucionária. Tanto em TO altamente desenvolvido do ponto de vista econômico-industrial, quanto em áreas geoestratégicas de conjuntura precária e oscilante. E isso porque, a caracterização de conflito antes de tudo ideológico, autêntica moldura à paisagem da Guerra Moderna, seja ela Geral ou Limitada, Atômica ou Convencional, estimula, como nunca, a Guerra Revolucionária, em ritmo cada vez mais expressivo.

Donde o valor e a significação do estudo desenvolvido pelo Ten-Cel Meira Mattos, por ele denominado Guerra Insurrecional simples, metódico e objetivo, que merece ser meditado pelos camaradas de “A Defesa Nacional”.

MAJ A. RAPOSO FILHO

1. CONCEITUAÇÃO

Nestes últimos 10 anos, ao lado dos extraordinários progressos obtidos pela ciência e pela técnica no campo da velocidade, alcance e poder

de destruição das armas modernas, reservadas a um futuro conflito bélico generalizado, ressurgiu, com novas características e sob a forma revolucionária, a *guerra irregular*.

Essa guerra irregular, que os franceses, no passado, chamaram de "petite guerre", teve sua presença na Europa, no século XIX, marcada pelos movimentos dos "partisans" espanhóis (1809-1812), dos paisanos franceses armados de Duguesclin e do "Grand Ferré" contra o exército inglês invasor, pela primeira Vendaia e primeira Chouannerie, pelas ações dos "partisans" do Tirol e dos Vosges, pelos franco-atiradores dos grupos de resistência, surgidos na França nos anos angustiosos de 1870 e 1871.

No presente século, antes da conjuntura político-estratégica-militar gerada neste pós-guerra, tornaram-se famosos os guerrilheiros da montanha do Rif, chefiados por Abdel Krim e que, por vários anos, mantiveram em estado de permanente desassossêgo as forças do exército francês e espanhol destacadas para o Marrocos. Depois, já durante a Segunda Guerra Mundial, os guerrilheiros iugoslavos, gregos, italianos e "maquis" franceses, vieram comprovar a eficiência desse tipo de guerra irregular mesmo no quadro de um conflito mundial.

No Brasil, a guerra contra os holandeses, a Revolução Farroupilha, a guerra jagunça de Antonio Conselheiro, as lutas do Contestado, a rebelião andante de Gumermino Saraiva e a longa marcha da coluna Prestes, com seus sucessivos combates e seus vaivéns pelo sertão, são tantas outras formas dessa "pequena guerra", dessas guerrilhas, em que uma força irregular improvisada se levanta em atitude de insubordinação armada contra os poderes constituídos do Estado e, conseqüentemente, contra as forças regulares desse mesmo Estado.

Mas, presentemente — e isto apareceu de forma mais nítida na Grécia com os "partisans" de Markos, na China, com Mao Tze Tung, na Indochina, com Ho Chih Minh e na África do Norte, particularmente na Argélia, com a Frente de Libertação Nacional (FLN), — êsses levantamentos armados de forças irregulares perderam as características de movimentos de feição apenas inspirados em idéias ou propósitos vinculados à política interna, enfim, perderam o aspecto "doméstico" para se transformar numa arma, numa perigosíssima arma da "guerra fria" que se trava entre as grandes potências.

A "guerra fria" é uma forma revolucionária de estratégia moderna. No conflito contemporâneo entre as duas superpotências mundiais — Estados Unidos e União Soviética — a impossibilidade de satisfazer a vontade dinâmica de estender suas zonas de influência, estão procurando incrementar e exportar a força atrativa de seus ideais ou mitos. Essa luta, "visando incorporar novas áreas de influência", vem sendo a causa principal do estado de tensão reinante no globo desde a última guerra. A iniciativa estratégica tem sido do grupo soviético que lançou a sua grande manobra conhecida universalmente por "guerra fria". Contra esta, os Estados Unidos e todo o Ocidente ainda hoje não puderam responder senão com atitudes defensivas e preventivas (Pactos de Segurança).

Assim, podemos conceituar a "guerra fria" como uma manobra estratégica de envergadura mundial, orientada por uma grande potência e dirigida pelos órgãos de sua propaganda, visando conquistar para a esfera de sua influência político-militar, sem guerra declarada e aberta, as nações e povos que habitam as áreas geográficas ainda não incorporadas à órbita política de outra (grande potência). No conflito de que somos testemunhas, em última instância, o objetivo estratégico da União Soviética na "guerra fria", é isolar os Estados Unidos no mundo, deixando-os na situação desesperante de "sem aliados e sem amigos".

Os processos de "guerra fria" variam desde a simples insinuação ou sugestão através de "slogans" aparentemente inocentes até os conflitos armados de caráter local. Assim, entre os processos de "guerra fria" podemos salientar: — a propaganda, a guerra psicológica, as pressões econômicas e políticas, os conflitos sociais, as sabotagens, o terrorismo, a guerrilha e, no quadro amplo da estratégia mundial, até mesmo guerra localizada (Coreia, Indochina). A intriga, a deturpação de fatos, os impactos psíquicos, são meios amplamente utilizados pelos mentores da "guerra fria" no afã de modificar os padrões de procedimento dos grupos nacionais visados, e colocá-los a serviço de suas causas.

Na presente conjuntura mundial, a ideologia marxista, naquilo que oferece de sedutor no campo das conquistas sociais das massas, vem sendo intensamente explorada como fator poderoso de atração e aproximação política com a União Soviética. Sua dialética, arma extraordinária de violentação psíquica, urdidura engenhosa de teses e antíteses comprometedoras, está sempre pronta a insinuar-se entre as aspirações mais legítimas dos grupos nacionais visados, confundindo ideais, propósitos autênticos e justos com intentos inconfessáveis.

Nesse quadro complexo de conflito ideológico e de guerra psicológica, é que se desenvolve a nova feição de guerra irregular, parte integrante da "guerra fria" que na ânsia de dar-lhe uma denominação bem característica, Mao Tze Tung a chamou de Guerra Revolucionária, e os franceses a apelidaram de Guerra de Superfície e Guerra Insurrecional.

Querendo ressaltar a importância da guerra insurrecional no âmbito da estratégia mundial, o mesmo Mao Tze Tung, no seu pensamento conhecido pelo nome de conceito dos "dois braços", assim se expressou:

"em uma guerra, o povo armado e a pequena guerra, a guerrilha, de um lado, e o Exército Vermelho, como força principal, de outro, constituem os dois braços de um mesmo homem. O Exército Vermelho, força principal, sem o apoio da população e da guerrilha, resultaria num guerreira maneta".

Buscando, também, um nome para esse tipo de conflito armado, que hoje se incorpora ao quadro da estratégia militar mundial, nós nos inclinamos para a designação de Guerra Insurrecional. Isto porque, a nosso ver, a adjetivação insurrecional (do latim "insurgere", levantar, sublevar, revolucionar) é a que melhor caracteriza o tipo de guerra que desejamos focalizar.

Dentro dessa ordem de idéias vamos procurar conceituar o que entendemos por guerra insurrecional. *Por Guerra Insurrecional, devemos compreender toda a sorte de conflitos armados ou terroristas (atos de sabotagem, destruições e guerrilhas), visando o enfraquecimento do poder militar ou o colapso do poder político de uma nação, provocados por elementos nacionais ou não, estimulados ou apoiados por uma potência estrangeira.*

2. AS BASES DE APOIO DA GUERRA INSURRECIONAL

Este tipo de guerra só pode irromper e subsistir quando encontra o apoio de certas condições favoráveis ao seu desenvolvimento. As condições mesológicas e de ambiência psíquico-emocional, que geram o "clima" propiciador da Guerra Insurrecional, são dadas pelos seguintes fatores:

a) A existência de um líder, quase sempre carismático, e de uma mística (ideológica, política ou patriótica) capaz de criar nos guerrilheiros um espírito de luta superior ao dos combatentes das tropas regulares. Essa peculiaridade "mística", em alguns casos beirando o fanatismo, é o fator decisivo da coesão, disciplina e exaço no cumprimento

de ordens nas organizações de guerrilheiros, condições essas de eficiência militar, que, nas unidades regulares, são obtidas através de enquadramento hierárquico, administrativo e judiciário.

b) O aproveitamento de uma *área geográfica fracamente habitada, de acesso difícil e fácil defesa*, que sirva de centro de irradiação e refúgio para as guerrilhas (as montanhas do Rif, no Marrocos, serviram de bases de operações a Abdel Krim, a caatinga do sertão nordestino abrigou os jagunços de Antonio Conselheiro, a cordilheira dos Balcãs foi o esconderijo dos grupos volantes do Gen Markos, o Saara é o "habitat" de grupos de guerrilheiros argelinos, a Sierra Maestra constitui o centro operacional dos rebeldes cubanos de Fidel Castro).

c) O apoio da população civil nas áreas de atividade das guerrilhas. Esse apoio pode ser espontâneo, fundado no entusiasmo popular pela causa da insurreição. Pode resultar apenas da simpatia por esta causa. Pode, ainda, ser fruto da imposição, pelo terror, de uma atitude colaboracionista ou, pelo menos, neutra (cega, surda e muda), dessas mesmas populações.

Quando consegue reunir a convergência favorável dos três fatores de apoio acima enumerados — liderança e ardente mística combatente, existência de uma área geográfica protegida para base operacional dos guerrilheiros e ajuda entusiástica da população civil — a tendência do movimento insurrecional é prolongar-se, criando sucessivos e cada vez mais complexos problemas para o governo visado, que, fatalmente, acabará rendendo-se às exigências dos rebeldes diante da manifesta incapacidade de sufocá-los.

A principal arma da guerra insurrecional é a guerrilha. Por guerrilha, devemos entender tôdas as ações de combate dos grupos de insurretos contra as forças regulares do poder legal vigente na área conflagrada.

3. TÁTICA DE GUERRILHA

A tática de guerrilha tem suas peculiaridades. Deve, sempre, estar adaptada às realidade do meio físico (montanhas, caatinga, deserto, selva etc.) em que é aplicada. Igualmente, deve saber explorar as deficiências, fraquezas, inexperiência, negligência, passividade, imprudências da tropa regular contra a qual combate.

Algumas normas, entretanto, constituem como que um repositório de processos táticos aconselhados nas guerras. Ei-los:

— Atacar todo elemento inimigo que se apresente isolado, sempre que houver possibilidade de êxito. Operar rapidamente, antes que êsse elemento possa ser reforçado e, em seguida, dispersar imediatamente a fim de não dar oportunidade a uma perseguição repressiva. É preciso "acutilar" fundo e desaparecer, criando como que uma "presença fantasma".

— Impedir ou dificultar o movimento dos reforços e de suprimentos do inimigo, por meio de destruições, barreiras, campos de minas etc...

— Dificultar as ligações de comando do adversário (interrompendo e interferindo nas comunicações).

— Provocar a dispersão das reservas inimigas, obrigando-as a se fracionarem para atender simultânea ou sucessivamente a pontos vários e distantes.

— Jamais montar uma operação que exija o emprêgo de meios mais importantes do que aqueles que possam ser "desaferados" e retirados a tempo, antes das reações do inimigo.

Na conduta das operações torna-se importante a observância rigorosa das seguintes medidas:

- disfarce total dos combatentes até o momento de emprego;
- disfarce total dos suprimentos e utilização do mínimo inevitável de instalações fixas;
- atuar de surpresa irrompendo com o máximo de meios a fim de impressionar com o primeiro impacto;
- saber escolher judiciosamente os objetivos, em busca de "efeitos psicológicos" contundentes e de êxito seguro.

Em síntese, essas normas táticas e medidas aconselhadas na condução das operações, revelam-nos uma forma de guerra peculiar impulsionada com ardor místico, realizada com efetivos pequenos, leves, rápidos e particularmente aptos para as ações de surpresa, contando com o apoio entusiástico ou forçado (pelo terror) das populações civis, capaz de explorar ao máximo os efeitos psicológicos, assim como as fraquezas e imprudências do adversário. Trata-se de uma tática em que a preocupação não é tomar a iniciativa operacional, mesmo porque a desigualdade de potencial bélico não o permitiria, *mas impedir o êxito das iniciativas do adversário.*

Mao Tze Tung, considerado um dos melhores conhecedores da guerra insurrecional, que ele chama de "guerra revolucionária", procurou estudá-la e sistematizá-la no seu trabalho "La Strategie de la Guerre Revolutionaire en Chine". Pertencem-lhe os seguintes conceitos:

- se o inimigo avança, nós nos retiramos;
- se o inimigo se entrincheira, nós o inquietamos;
- se o inimigo está esgotado, nós o atacamos;
- se o inimigo se retira, nós o perseguimos.

Essa interessante concepção tática vem reforçar a conclusão que acima apresentamos, de que a tática de guerrilha deve ser uma tática ardilosa e oportunista, de quem atua sempre em segurança, exigindo de seus executantes "a argúcia da raposa, a agilidade do lobo, a ferocidade momentânea do tigre".

As Forças Revolucionárias do Vietnã do Norte em instruções baixadas a todos os comandos guerrilheiros, estabeleceram como princípios básicos da tática de guerrilha os seguintes:

- a) Combater com inteligência (tática de ardis, escaramuças, emboscadas).
- b) Procurar, infatigavelmente, conservar a liberdade de movimentos.
- c) Estimular a vontade de atacar (atacar sempre, no avanço ou na retirada, nas linhas de combate ou nas retaguardas).
- d) Manter o espírito de resolução (não tardar, não hesitar).
- e) Saber guardar o segredo.
- f) Agir sempre com rapidez (fazer da rapidez o elemento essencial da surpresa).
- g) Fazer a guerra de exterminação total (impor o terror nas fileiras inimigas e na população não-colaboracionista).

Da Argélia, atual laboratório de aprendizagem da guerra insurrecional, nos chegam constantes informações sobre a aplicação dos processos táticos desse tipo peculiar de conflito armado que um general francês definiu, com grande "verve impressionista", como sendo "uma guerra abstrata contra um inimigo invisível". Constitui a guerra insurrecional dos rebeldes argelinos contra os franceses um precioso repertório de en-

sinamentos. Ali, a França é obrigada a conservar um exército de 500.000 homens, submetido a uma campanha de desgaste psicológico e físico que dura já, quase 4 anos. Esse meio milhão de franceses jamais conseguiu travar uma batalha; o inimigo, eminentemente "fluido e fugaz", nunca ofereceu um objetivo militar compensador ao emprêgo das poderosas armas do exército gaulês. Está em tôda parte e não está em parte alguma; é incansável, permanente, prefere a calada da noite, mata incessantemente, infunde terror à população civil; vigilante, não perde uma oportunidade, "um cochilo" dos franceses para acutilar de surpresa e sumir na penumbra; incendeia, destrói pontes, mina estradas, interrompe ferrovias, dinamita oleodutos, tudo sem aparecer, sem se deixar apanhar, como se fôra um fantasma onipresente e invisível. Sua atuação permanente, insidiosa, impõe um estado de tensão permanente, que cansa e esgota os nervos mais rígidos. Essa "tensão psicológica" já há muito que ultrapassou o Mediterrâneo e atua sôbre o governo e a população da França Ocidental. Vários gabinetes franceses (Mendès France, Guy Mollet, Felix Gaillard) caíram, não resistindo ao impacto da guerra de nervos provocada pela guerra insurreccional argelina. Ultimamente os rebeldes argelinos, através de ações terroristas, estão tentando levar a "guerra insurreccional", para o interior da Metrópole.

4. MEDIDAS DE SEGURANÇA CONTRA A INSURREIÇÃO

Diante da variedade de meios de pressão e de agressão utilizados na guerra insurreccional, é geralmente impossível reprimi-la rapidamente, uma vez irrompida. Seria preciso ter à mão poderosos recursos policiais e militares capazes de assegurar o desencadeamento de um plano de repressão abrangendo tôda a área conflagrada.

Ressalta-se, assim, como principal preocupação antiinsurreccional, a adoção de medidas de caráter preventivo, destinadas a impedir a deflagração do movimento, ou fazê-lo "abortar" no nascedouro.

No setor das medidas preventivas, impõem-se, como mais eficazes — a contrapropaganda e a adoção de um dispositivo de segurança.

A *contrapropaganda* terá por objetivo neutralizar a influência da propaganda subversiva sôbre as idéias, emoções e comportamento das populações visadas, procurando desmoralizar as suas afirmações pela comprovação de sua falsidade e de sua má fé. Seu campo de atuação é o mesmo da guerra psicológica.

O *dispositivo de segurança* visa neutralizar os efeitos da pressão e da intimidação da propaganda subversiva sôbre a população civil, e, ao mesmo tempo, desencorajar os articuladores do movimento, pela certeza de que todos os atos de violência serão reprimidos pronta e enérgicamente. Esse dispositivo de segurança, conforme o caso e a oportunidade, deve ser ostensivo, mostrando ao povo que autoridade legal está preparada para agir com presteza e determinação e aos agitadores que não terão "chance" de conseguir um sucesso fácil. É de capital importância a escolha de pontos a serem ocupados pelas forças de segurança. Os pontos de passagem obrigatória (pontes, viadutos, túneis, gargantas, entradas e saídas de cidades) e os possíveis locais de irrupção dos movimentos ou os locais mais visados pelos sabotadores (fábricas e centros fabris, instalações, ferrovias, refinarias e depósitos de combustíveis) devem estar incluídos no dispositivo de segurança.

Uma vez irrompida a insurreição e iniciados os atos de seqüestros, depredações (quebra-quebra), sabotagens, destruições, assassinios terroristas e guerrilha, deve ser desencadeado, instantânea e enérgicamente, o *plano repressivo*.

O plano repressivo visará, em primeira urgência, sufocar o movimento nos seus pontos de eclosão, numa tentativa de impedir sua expansão e desenvolvimento. Desencadeada a guerrilha, as medidas de contraguerrilha devem ser postas em prática, imediatamente.

Em princípio, a repressão dos atos de terrorismo e sabotagem deve ficar a cargo da polícia civil e militar. A guerrilha, quando muito localizada e levada a efeito por pequenos grupos, poderá ser reprimida pela polícia militar. Quando os grupos de guerrilheiros se tornam poderosos, dispondo de armamento mais pesado (morteiros, artilharia leve) e a sua ação passa a convulsionar áreas mais amplas, a tarefa de eliminá-las terá que ser entregue às forças armadas, principalmente às forças regulares do Exército.

Veremos mais adiante que um exército moderno, para combater com vantagem contra forças irregulares, precisa se adaptar à tática de guerrilha.

Um plano de repressão à guerra insurrecional deve atender aos seguintes aspectos:

- boa articulação das forças regulares postas em ação;
- escolha judiciosa do objetivo ou dos objetivos a serem atingidos sucessivamente;
- controle da população civil a fim de assegurar a sua neutralização, ou, na melhor hipótese, sua simpatia e adesão.

No tocante à *articulação das forças regulares* postas em ação, é preciso levar em conta as servidões geográficas, econômicas, sociais, políticas e históricas do caso em foco. Essa articulação será uma evolução do dispositivo de segurança preventiva acima considerado. É mister não esquecer que cada período ou campanha é um caso diferente. Convém ter bem presente que a insurreição é uma "guerra de superfície", como a chamam os franceses, porque o seu teatro abrange todo o território implicado (caso da Argélia e sua tentativa de extensão à França), sem delimitação de frentes e retaguardas, pois suas ações de combate (ataques, incêndios, destruições, seqüestros, golpes de mão, ações de guerrilha) podem irromper em qualquer parte. Essa articulação, então, deve ser adaptada à natureza do movimento, suas origens e sua configuração geográfica, visando a ocupação dos pontos vitais e a colocação das reservas em áreas de reunião bem selecionadas.

Em síntese, esse dispositivo deve permitir às forças regulares uma atuação sempre em segurança, capaz de realizar a superioridade de meios nos combates locais onde quer que eles irrompam, e apta a impedir ou restringir ao máximo a liberdade de movimento dos guerrilheiros.

A escolha do objetivo ou dos objetivos não é um problema tão fácil como pode parecer a muitos. O risco de erros neste particular é bem grande. As forças regulares, geralmente, são levadas a subestimar o valor do inimigo. Essa tendência otimista inicial muitas vezes se transforma, por efeito de êxitos obtidos por guerrilheiros em alguns ataques de surpresa, em exagerado pessimismo, cuja resultante tática é o imobilismo, proveniente dos excessos de segurança e de cautelas. Na luta contra guerrilheiros a história tem provado que os principais erros das forças regulares advêm ou da subestimação ou da superestimação do inimigo. Esses erros incidem, particularmente, na seleção de objetivos levando à sua escolha, ou com excesso de otimismo (fadado ao insucesso) ou com excesso de pessimismo (resultando na perda de tempo e conseqüente prolongamento desnecessário das operações).

O controle da população civil, deve resultar da adoção de medidas a cargo dos organismos do governo encarregados da segurança pública, principalmente polícias civil e militar.

Figuram como fatores importantes para o êxito dessas medidas, a contrapropaganda visando neutralizar os efeitos da propaganda inimiga e conquistar a opinião pública para a causa do governo, incentivando certas pan-idéias tais como — espírito de manutenção da ordem, desejo de segurança social e economia da nação, sentimento de prestígio nacional etc. Se necessário, medidas preventivas mais enérgicas devem ser tomadas, como a prisão e confinamento dos líderes da insurreição. De uma coisa podemos estar certos — sem o apoio ou, pelo menos, a simpatia da população civil da área envolvida, a guerra insurrecional não terá campo para desenvolver-se, morrerá por si mesma. Daí, a importância fundamental das medidas visando impedir que os guerrilheiros contem com a ajuda ou simpatia da população civil.

5. O EXÉRCITO REGULAR NA CONTRAGUERRILHA

Os principais fatores da decisão — missão, inimigo, terreno e meios — devem ser considerados na contraguerrilha com o mesmo cuidado que o são na guerra normal.

Conforme podemos depreender das apreciações anteriores, a missão e o inimigo adquirem, na contraguerrilha, características de muito maior amplitude geográfica, pois o inimigo pode aparecer e ter de ser repellido em qualquer parte do território e se caracteriza por sua extrema mobilidade e fluidez.

Ao considerarmos o terreno, não devemos nos esquecer que nesse tipo de guerra a população civil dêle é inseparável. Segundo a população civil esteja mais ou menos favorável à causa dos guerrilheiros, maiores ou menores obstáculos oferecerá ao cumprimento da missão, obstáculos êsses animados, mas que vêm repercutir, principalmente, o fator terreno, tornando-o neutro ou hostil.

Quanto aos meios, cumpre dizer que, embora predomine uma desigualdade flagrante entre os recursos militares poderosos dos exércitos regulares e os pequenos efetivos fracionados e dispersos dos guerrilheiros, as peculiaridades da tática de guerrilha podem anular essa desigualdade, se as forças regulares não se mostrarem capazes de se adaptar aos processos de combate impostos pelas características dêsse tipo de luta.

Surge para o exército, incapaz de combater sem estar apoiado numa infra-estrutura pesada (postos de suprimento, depósitos, unidades de apoio administrativo), a necessidade vital de proteger suas instalações e as vias de comunicação, necessárias ao suprimento de todos os seus elementos de combate e de reserva.

Cumprê então o estabelecimento de um amplo sistema de segurança capaz de proteger, permanentemente, as instalações logísticas e administrativas, os estacionamentos, as vias de transporte consideradas essenciais (terrestres, fluviais, portos marítimos e bases aéreas). Dentro dêsse sistema, devem ser escolhidos judiciosamente, os "pontos sensíveis" a serem ocupados, cuja manutenção assegure a proteção aproximada das áreas ou vias importantes, além da proteção imediata pelos elementos de guarda locais.

A própria natureza da guerra em superfície, sujeita a ações de violência que podem irromper em qualquer parte de um extenso território, pode obrigar, muitas vezes, a um vasto desdobramento do sistema de segurança, exigindo o emprêgo de quase todo o efetivo disponível em missões de vigilância e proteção de bases e vias de transporte. Devem, as forças de contraguerrilha, impedir que isto aconteça, porque se tal suceder estarão elas obrigadas a renunciar a toda iniciativa tática, ficando numa situação de estagnação defensiva imposta, à espera de um golpe final e decisivo dos guerrilheiros.

A experiência histórica tem ensinado que os grandes centros urbanos são os locais mais seguros para a instalação de quartéis-generais, órgãos administrativos, depósitos, enfim, de todos os órgãos pesados e vultosos das forças de contraguerrilha. Isto porque as ações de guerrilha preferem a periferia desses centros. Nas cidades grandes, a população está menos sujeita à intimidação dos guerrilheiros, tem maiores interesses no prosseguimento do ritmo normal de vida e, sendo mais esclarecida, está menos submetida aos efeitos propagandísticos dos insurretos.

Todos os postos de comando, centros de comunicações, depósitos, bases, aeródromos, portos, devem dispor de uma guarda própria, composta do pessoal que aí normalmente serve, a fim de evitar ao máximo o emprêgo de unidades de combate (infantaria, blindados, mecanizados) em missões de segurança.

Na proteção das vias de comunicação deve ser procurada a harmonização dos seguintes pontos:

- evitar neutralização de efetivos importantes em serviço de escolta de comboios;

- evitar que essas vias sejam sujeitas a atos de sabotagem e destruição que resultem na interrupção prolongada do tráfego.

O sistema de proteção das vias de comunicação pode consistir:

- na instalação de postos capazes de assegurar a proteção local dos pontos sensíveis (pontes, viadutos, aterros, túneis) e apoiar as atividades diurnas e, principalmente, noturnas das patrulhas;

- na existência de reservas altamente móveis (tropa blindada, mecanizada, motorizada, aerotransportada), capazes de intervir rapidamente em qualquer ponto da via de transportes a ser protegida;

- na utilização de elementos de engenharia, também altamente móveis, aptos a realizar reparações ou desvios nos pontos obstruídos pelos guerrilheiros, a fim de que seja mantida a continuidade do tráfego.

A proteção tática de uma via de comunicação terrestre em área de grande atividade guerrilheira deve ser feita combinando a ocupação da própria rota, como já vimos (pontos sensíveis, escoltas de comboios, patrulhas etc.), com a ocupação de bons postos de observação (de dia) e pontos de passagem obrigatória (à noite), que permitam assegurar, além da proteção local, uma proteção aproximada da rota considerada.

Não será demais se repetir, aqui, que representa condição essencial de êxito na luta contra os guerrilheiros a preservação da iniciativa tática, o que só será possível conservando-se "à mão", capazes de emprêgo imediato e rápido, unidades de combate móveis e aguerridas, em condições de anular qualquer veleidade das forças guerrilheiras, cercá-las e derrotá-las definitivamente, quando surgir a oportunidade.

Considerando-se que os efetivos de guerrilheiros são, geralmente, do tipo infantaria, com grande aptidão para a tática de emboscadas, e exploram ao máximo a fluidez de organização, o que lhes permite aparecer, atacar e desaparecer quase instantaneamente, os meios das tropas regulares mais apropriados a combatê-los vantajosamente são:

- a aviação leve, tipo observação de artilharia, e helicópteros, empregados nas missões de vigilância;

— a infantaria, aligeirada, sem armas pesadas; apta a ser transportada rapidamente em caminhões, sobre blindados, em helicópteros ou em aviões empregada em ataques de surpresa contra regiões ocupadas por guerrilheiros ou em refôrgo a pontos atacados por estes;

— pequenas frações de carros de combate (Sec Pel e Cia.), que por sua mobilidade, blindagem e potência de fogo se revelam sobremaneira aptos a atuar com êxito contra grupos de guerrilheiros;

— artilharia leve, altamente móvel, capaz de intervir prontamente quando grupos importantes de guerrilheiros forem aferrados ao combate;

— aviação de apoio, tão leve quanto possível, capaz de atacar proveitosamente em apoio às operações terrestres e de destruir as áreas de reunião, acampamentos e pontos de suprimento dos guerrilheiros.

Em resumo, dada a natureza do inimigo — do tipo infantaria — e suas características de combate — mobilidade e fluidez — deverá a tropa encarregada de contraguerrilha, se quiser conservar sua iniciativa tática, adaptar-se às condições peculiares da rasa campanha revelando no combate, pelo menos, igual mobilidade, aliada a muito maior potência de fogo móvel.

6. CONCLUSÃO

Os estrategistas da atualidade estão preocupados com o desenvolvimento que possam vir a ter, no quadro mundial, as guerras insurrecionais.

Os supergrandes procuram obter um desequilíbrio de poder a seu favor, não pela absorção dessas áreas de influência definida entre eles por acôrdo tácito, no fim da última guerra, mas pela expansão de suas idéias e mitos nos chamados continentes subdesenvolvidos. Enquanto os Estados Unidos buscam atrair as simpatias desses povos oferecendo-lhes um padrão ético — a democracia — e ajuda econômica, a União Soviética intenta os mesmos objetivos oferecendo-lhes uma ideologia revolucionária e incitando-os à luta para a conquista das “messes” prometidas por essa ideologia. Essa luta tende a desenvolver-se no quadro da guerra insurrecional.

As grandes áreas subdesenvolvidas, principalmente aquelas situadas nos continentes asiático e africano, constituem o palco propício da guerra insurrecional. Nesses continentes, na China, Indochina, Malásia, Indonésia, Líbano, Argélia, uma luta nacionalista, legítima na sua essência, mas suspeita nas suas fontes de inspiração e incentivo, assumiu ou ainda assume as características de guerra revolucionária, o que não deixa de ser uma das formas de manifestação da chamada “guerra fria”.

É bastante significativo o fato do Marechal Montgomery, nas críticas que vem fazendo ultimamente à organização e funcionamento das Forças do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), defender a tese relativa à necessidade de ser revista a sua estrutura militar, tendo em vista torná-las aptas a atuar, também, no quadro da guerra insurrecional. Diz o ex-Comandante das Forças Terrestres da OTAN:

“É evidente que devemos rever os nossos pontos de vista, se quisermos garantir uma defesa eficiente contra essa ameaça. Embora um conflito maior seja improvável, episódios limitados de guerra fria, fora da região da OTAN, aumentarão provavelmente. É preciso enfrentá-los com firmeza, a fim de que eles não se tornem o prelúdio de uma guerra mundial. A principal contribuição de certas nações que participam na defesa da OTAN poderia ser a do fornecimento das forças organizadas e equipadas para fazer face a tais conflitos”.

III — ORGANIZAÇÃO

A CAVALARIA SOVIÉTICA

Ten-Cel OBINÔ ALVARES
Instrutor da ECEME

Nota do Redator:

Do maior relêvo à compreensão do problema da Cavalaria em nossa Doutrina Militar, é o artigo que temos o prazer de submeter à consideração dos leitores de "A Defesa Nacional". Principalmente, porque envolve aspectos dos mais interessantes relativamente ao papel da Cavalaria durante o último Conflito Mundial, no TO russo. Antes de se pensar em "crise da cavalaria", como entendem alguns estudiosos das tendências da arma dos grandes espaços, há que atentar, não para o meio (cavalo ou motor), mas fundamentalmente para a finalidade da missão que, tradicionalmente, vem sendo reservada à Cavalaria na batalha. Seja no sentido de "descobrir ou explorar, cobrir ou proporcionar segurança; combater com suas modalidades; explorar o êxito e perseguir; ou, finalmente, retardar a progressão do inimigo e proteger a retirada de nossas próprias forças", sem dúvida que, à medida que evoluem armas e engenhos, cada vez mais se afirma a importância da Cavalaria. Precisamente porque se liberta a manobra, de tal forma que, a exuberância e a versatilidade de sua floração, estimulam e ensejam oportunidade para as clássicas missões de cobertura, retardamento e exploração do sucesso, em todas as direções operacionais da manobra, tática ou estratégica, assim como em todo o compartimento do TO. E, para as armas e GU operacionais.

Mais uma vez se constata a relatividade do conceito de mobilidade, que no caso do TO russo comprometeu-se em inúmeras oportunidades, quando se pensou em GU motorizada ou mecanizada. Porém, considerando que "uma cavalaria hipomóvel, teria oportunidade de emprêgo devido à mobilidade, à plasticidade, à capacidade de seus elementos orgânicos para adaptar-se às mais severas condições de terreno e de tempo", compreende-se o alcance, a objetividade e real vantagem do emprêgo das DC à base do elemento hipo.

Bastariam, como lembra o autor, os depoimentos dos Generais Manteuffell, Rundstedt, Blumentrit e Kleist, para consagrar o emprêgo das DC e dos CCav na Campanha da Rússia. O que é mais importante, porém, é que, ainda hoje, mantêm os soviéticos as DC e os CCav ao lado dos Ex de Infantaria e Ex Blindados, com armas atômicas.

Quando verificamos as condições analógicas do TO russo e sul-americano (pobreza de vias de transportes, rodo e ferroviário, pantanais, grandes extensões, etc.), sentimos e compreendemos porque o problema da estrutura da Cavalaria continua empolgando os estudiosos de nossa doutrina militar. Onde, a importância do trabalho que se vai ler, de autoria do Ten-Cel Obino, atualmente exercendo a função de Chefe da Seção de Cavalaria e Blindados da ECEME, o que, por si só, vale por excelente recomendação do trabalho. Cavalaria Hipo? Moto? Mista? Esse o problema.

MAJ A. RAPOSO FILHO

I — INTRODUÇÃO

Até a terminação da II Guerra Mundial o Exército russo, apesar das sangrentas páginas de heroísmo escritas na estepe gelada, não havia conseguido impor-se à admiração dos militares do ocidente. Dizia-se que seus soldados eram bons combatentes — exemplares, na opinião de alguns — mas também se afirmava que sua organização, equipamento, comando e doutrina, muito deixavam a desejar.

Terminado o conflito, os historiadores militares de todos os quadrantes lançaram-se à pesquisa de uma imensurável quantidade de documentos, objetivando entre outras finalidades a determinar o papel desempenhado pelas Forças Armadas soviéticas, na derrota final da Alemanha.

Muitos trabalhos foram coligidos e interpretados sobre a matéria, notadamente nos Estados Unidos onde a análise ligada aos fatos da História Militar, realizada com admirável honestidade intelectual, atingiu grande precisão. Entre os norte-americanos é Raymond Garthoff um dos historiadores que mais conhecimento acumulou a respeito do poder militar soviético e sobre esse poder escreveu um livro que se tornou obra de consulta obrigatória: *Soviet Military Doctrine*.

Dadas as características especiais da luta travada na Rússia, onde a guerra durou anos a fio — enquanto as campanhas da Polônia, da França, da Noruega e dos Bálcãs se ultimavam em semanas ou meses — é de capital importância o estudo acurado do livro de Garthoff, principalmente para o Exército brasileiro cujo nível de organização apenas atingiu o correspondente nível russo de 1941.

II — O EMPRÊGO DA CAVALARIA NA II G M

Um dos mais fascinantes aspectos da atuação do Exército vermelho reside no emprêgo de sua cavalaria. Que papel teria ela desempenhado na moderna guerra de movimento?

No período de reorganização do Exército revolucionário, um dos mais lúcidos e eficientes oficiais daquela época foi o general Frunze, então diretor da Academia Militar Soviética. Esse oficial anteviu com muita clareza o retorno da *Manobra* ao campo de batalha do futuro. Passados eram os dias das frentes estabilizadas, onde as armas automáticas primavam pela importância.

Segundo Frunze, a aviação e as forças blindadas seriam os principais instrumentos da estratégia moderna e, na falta de qualquer delas ou na impossibilidade circunstancial de utilizá-las, o papel das forças móveis deveria ser entregue às formações de cavalaria hipomóvel.

Inspirados nessa concepção os regulamentos soviéticos de 1936, 1940 e 1941 desenvolveram uma completa doutrina de emprêgo da cavalaria e ditaram os princípios básicos de sua utilização pelo alto comando. Preconizava-se o emprêgo de suas GU seja operando em missões independentes, seja enquadradas na operação de uma força mais importante, seja associando-se intimamente à ação da infantaria e à dos carros de combate.

As missões a atribuir à cavalaria deveriam considerar em qualquer caso, as principais características da arma: a mobilidade e a flexibilidade.

Essas idéias não foram lançadas ao vento. Com efeito, no decorrer da última guerra foram organizadas cerca de 50 divisões de cavalaria, empregadas em numerosas oportunidades, normalmente enquadradas em corpos de cavalaria. Esse último tipo de GU foi constituído à base de 3 DC e contou com um efetivo aproximado de 19.000 homens, entre os quais, 8.000 cavaleiros.

As principais missões desempenhadas pelos corpos de cavalaria foram os ataques ao flanco e à retaguarda do inimigo, o envolvimento e o cerco, a perseguição e as incursões.

Os mais notáveis exemplos do emprêgo combinado das formações hipomóveis, com a infantaria e os blindados, ocorreram:

- em 1941, na batalha de Moscou;
- em 1942, na batalha de Stalingrado;
- em 1943, em Tangarog e em Kiev;
- em 1944, na área de Brobuisk e na fronteira polonesa.

Entretanto, foram as operações independentes as que mais permitiram se explorasse com propriedade as características da cavalaria. Constituem notáveis exemplos de emprêgo independente:

- o cerco e a destruição de duas divisões alemãs realizados em 1941, pelo corpo de cavalaria do Gen Belov;
- as ações realizadas à retaguarda das forças germânicas, em 1941, na região dos pântanos de Pripet;
- o cerco de importantes formações inimigas, no inverno de 1944, realizado por um corpo de cavalaria, naquela última região.

Meditemos agora. Que razões teriam os russos para empregar sua cavalaria tradicional, à base de formações hipomóveis, numa campanha em que predominariam a velocidade e a potência de fogo blindada?

III — O TEATRO DE OPERAÇÕES

Talvez possamos começar a entender os russos ouvindo os generais alemães. Liddell Hart, renomado escritor militar inglês, esteve com muitos chefes germânicos após a cessação do conflito e condensou a experiência e os depoimentos deles obtidos em seu livro intitulado *In The Other Side of The Hill*. São dessa obra as referências ou citações que se seguem.

Iniciemos com o Gen Thoma. Esse oficial entende que o que realmente salvou a Rússia não foi seu moderno progresso, e sim, o seu atraso. Se o regime soviético houvesse criado um sistema rodoviário semelhante ao dos países do ocidente, provavelmente em pouco tempo os alemães teriam destruído o Exército russo.

Eis uma afirmação da qual não se pode sacar a contraprova. Entretanto ela sugere-nos indagar agora sobre as reais condições do TO da Rússia ocidental.

Vários depoimentos permitem-nos fazer uma idéia aproximada da realidade. O Gen Rundstedt, por exemplo, assim se expressou:

"Muito antes que o inverno chegasse, as possibilidades de conseguir uma rápida decisão a Este já se haviam reduzido, em virtude dos atrasos repetidos da progressão alemã, ocasionados pelas estradas ruins e pela lama. A terra negra da Ucrânia se transforma em lodo com uma chuva de dez minutos, interrompendo o movimento até secar o solo. As dificuldades aumentaram devido à falta de ferrovias para apoiar o avanço de nossas tropas."

Blumentritt também se manifestou sobre a matéria em várias oportunidades. Vejamos os exemplos seguintes:

"O péssimo estado das estradas foi a pior das desvantagens, seguindo-se em importância, a ineficácia das ferrovias russas, mesmo depois de reparadas."

"Além de Minsk o terreno era extremamente difícil para o movimento dos carros de combate. Grandes florestas, extensos pântanos, caminhos horríveis, pontes sem resistência para suportar as viaturas. Nós não estávamos preparados para o que encontramos, pois nossas cartas não representavam o terreno. Nesses mapas, tôdas as chamadas estradas principais estavam ressaltadas em vermelho e eram numerosas. A realidade mostrava-nos apenas sendas arenosas. Tal terreno era mau para os carros de combate mas muito pior para os transportes motorizados. Era um espetáculo extraordinário ver colunas de carros e caminhões imobilizadas, numa extensão de 200 Km, todos atolados, à espera do sol para secar as estradas."

É evidente que em tais regiões ou circunstâncias, uma cavalaria hipomóvel teria sua oportunidade de emprêgo devido à mobilidade, à plasticidade, à capacidade de seus elementos orgânicos para adaptar-se às mais severas condições ambientes.

IV — FRUTOS COLHIDOS

É possível obter comprovação histórica do bem sucedido emprêgo da cavalaria russa, ainda que sem as minúcias apropriadas. Vejamos como, sobre ela, opinaram os generais do campo adversário.

O Gen Manteuffell, por exemplo, um dos mais hábeis comandantes de blindados do Exército alemão, estabelece inicialmente uma caricatura da cavalaria soviética, dizendo:

"O avanço de um exército russo é algo que os homens do ocidente não podem sequer imaginar. Atrás das pontas de lanças blindadas avança uma horda em sua maior parte montada a cavalo. Os soldados levam uma sacola a tiracolo, com pão velho e legumes crus recolhidos nas aldeias e nos campos. Os cavalos se alimentam da palha que cobre o teto das cabanas dos camponeses."

Rundstedt, desprezando as preocupações que lhe assaltaram o espírito após a invasão, ponderou:

"Graças à experiência pessoal obtida na guerra 1914/1918, eu previ que a cavalaria russa poderia operar nos pântanos de Pripet e por isso fiquei inquieto quando se abriu uma brecha no nosso flanco."

Sobre o mesmo episódio Blumentritt assim se manifestou:

"Depois de havermos ultrapassado a antiga fronteira russa e tomado a direção de Kiev, fomos duramente contra-atacados de flanco, por corpos de cavalaria que emergiram repentinamente dos pântanos de Pripet. Isso originou uma situação perigosa e, ainda que a ameaça tenha sido anulada após encarniçados combates, êsses contra-ataques retardaram o avanço e comprometeram a probabilidade de chegar rapidamente ao Dnieper."

Ainda o mesmo general, comentando a estratégia de defesa sem idéia de recuo, imposta por Hitler em 1942, afirmou:

"Em consequência, o IV exército ficou isolado no saliente, sob constante perigo de cerco. Os rios estavam congelados e já não constituíam obstáculo contra as investidas russas. O perigo se tornou agudo, quando um corpo de cavalaria inimiga pressionou nosso flanco direito chegando até a retaguarda. Dito corpo era integrado por cavalaria a cavalo e por infantaria transportada em trenós."

Ao relatar a ofensiva de 1942 sobre o Cáucaso o Gen Kleist teve oportunidade de comentar:

“Os russos trouxeram reservas do Cáucaso e da Sibéria. Isso representou um perigo para o flanco das minhas forças estendido em tal amplitude que a cavalaria russa podia penetrar até os meus postos avançados, sempre que o intentasse.”

Resta-nos indagar: que valor terão os depoimentos desses generais? Terão sido eles alguns dos comandantes de menor graduação, sem perspectivas para abarcar o conjunto das operações e sobre elas opinar?

Não. Eles não eram generais de menor graduação; foram comandantes de exércitos e grupos de exército, ou chefes de estado-maior dessas GU e desfrutaram de excepcional situação para encerrar as operações naquele TO sob a mais apropriada perspectiva: a do alto comando. A experiência em duas grandes guerras, aliada à projeção internacional de seus feitos, obrigam-nos a dar o mais alto crédito às palavras daqueles oficiais-generais.

V — FUNDAMENTOS DA DOCTRINA RUSSA

Ao analisarmos o território da Rússia européia à luz das informações disponíveis, verificamos que as condições intrínsecas ao TO aberto naquela área foram o fator preponderante na organização das forças soviéticas de terra, incluindo, como ocorreu, numerosas formações hipomóveis.

O mencionado teatro de operações possui dimensões continentais: 2,5 milhões de quilômetros quadrados englobados num quadrilátero de 1.500 Km de frente, de orografia modesta, característica das grandes planícies, extensa rede fluvial em parte alagadiça; áreas florestais numerosas e amplas; condições climatológicas muito severas. Nessa região uma populosa comunidade dedicada sobretudo a atividades agropecuárias. Poucos grandes centros, com rede de transporte ferroviário pouco densa. Um feixe de estradas de rodagem onde predominam os leitos de solo natural, extremamente sensível ao mau tempo.

Tais características faziam prever — e a guerra comprovou — que fora das condições mais favoráveis, forças motorizadas e mecanizadas teriam sua mobilidade comprometida, pois que as modernas formações de combate exigem amplo apoio administrativo e de qualquer modo são muito sensíveis às alterações da meteorologia.

As GU de cavalaria, ainda que menos móveis que as tropas motorizadas e mecanizadas, independem de um sistema rodoviário baseado no cimento e no asfalto e são pouco sensíveis à lama e à neve. Na falta de forças móveis modernas elas se constituíram em apreciável instrumento estratégico na mão do alto comando russo.

VI — ORGANIZAÇÃO DO PÓS-GUERRA

O pós-guerra constituiu um desafio às potências militares terrestres, não só devido à crescente mecanização dos exércitos como principalmente devido às possibilidades do emprego do projétil atômico no campo tático.

A União Soviética aceitou esse desafio e lançou-se à mais avançada modernização de suas forças terrestres, motorizando ou mecanizando cerca de 75% de suas GU e adestrando-as para o combate atômico. Entretanto permanece o espírito militar russo fiel a si mesmo e coerente com suas realidades domésticas: o Exército soviético, de acordo com as informações disponíveis, ainda conserva numerosas divisões de cavalaria

que sofreram, por sua vez, as alterações aconselhadas pela experiência de combate.

Vejamos como está organizada a cavalaria soviética.

Os corpos de exército russos são de cinco tipos: O CEx de infantaria, o corpo de cavalaria, o corpo de montanha, o corpo aeroterrestre e corpo de artilharia.

O corpo de cavalaria (CC) normalmente conservado à mão do alto comando, é empregado em missões independentes para realizar operações de grandes profundidades, tais como o envolvimento, sobretudo onde e quando forças blindadas não são recomendáveis, seja devido às características do terreno, seja devido às condições meteorológicas. O CC é empregado também, em operações de cerco, em combinação com outras armas ou isoladamente, e em incursões profundas à retaguarda do adversário. Seu efetivo varia entre 25 e 30 mil homens e comporta, em regra, três divisões de cavalaria (DC), um regimento de carros pesados e canhões autopropulsados, um regimento de carros de combate médios, uma brigada de morteiros pesados, um regimento antiaéreo leve e várias organizações de serviços.

A DC pertence à categoria das divisões móveis, juntamente com a divisão blindada e a divisão mecanizada. Essa GU é conservada à disposição do alto comando, para o emprego apropriado, seja em reforço ao Ex ou ao CEx, seja integrando o CC. No quadro do Ex ou do CEx a DC atua em missões de segurança, notadamente na cobertura de flanco em terrenos montanhosos e em outras áreas difíceis às outras grandes unidades móveis.

A organização geral da divisão de cavalaria, cujo efetivo compreende 821 oficiais e 6.521 praças, inclui:

- um comando e um esquadrão de comando (Cmdo e Esq Cmdo);
- três regimentos de cavalaria (RC);
- um regimento de carros de combate médios (RC Can 80);
- um grupamento de cavalaria de reconhecimento (Gr Cav Rec);
- a artilharia da DC (AD/DC);
- um batalhão de engenharia (BE);
- um batalhão de comunicações (BCom);
- a tropa dos serviços divisionários (Tr Sv); (Organograma n. 1)

a) O Cmdo e o Esqd Cmdo da DC que totalizam 70 oficiais e 110 praças, têm a mesma organização dos correspondentes órgãos das outras divisões, salvo quanto ao meio de transporte que é hipomóvel.

b) O RC, com 122 oficiais e 1.240 praças, tem a seguinte organização:

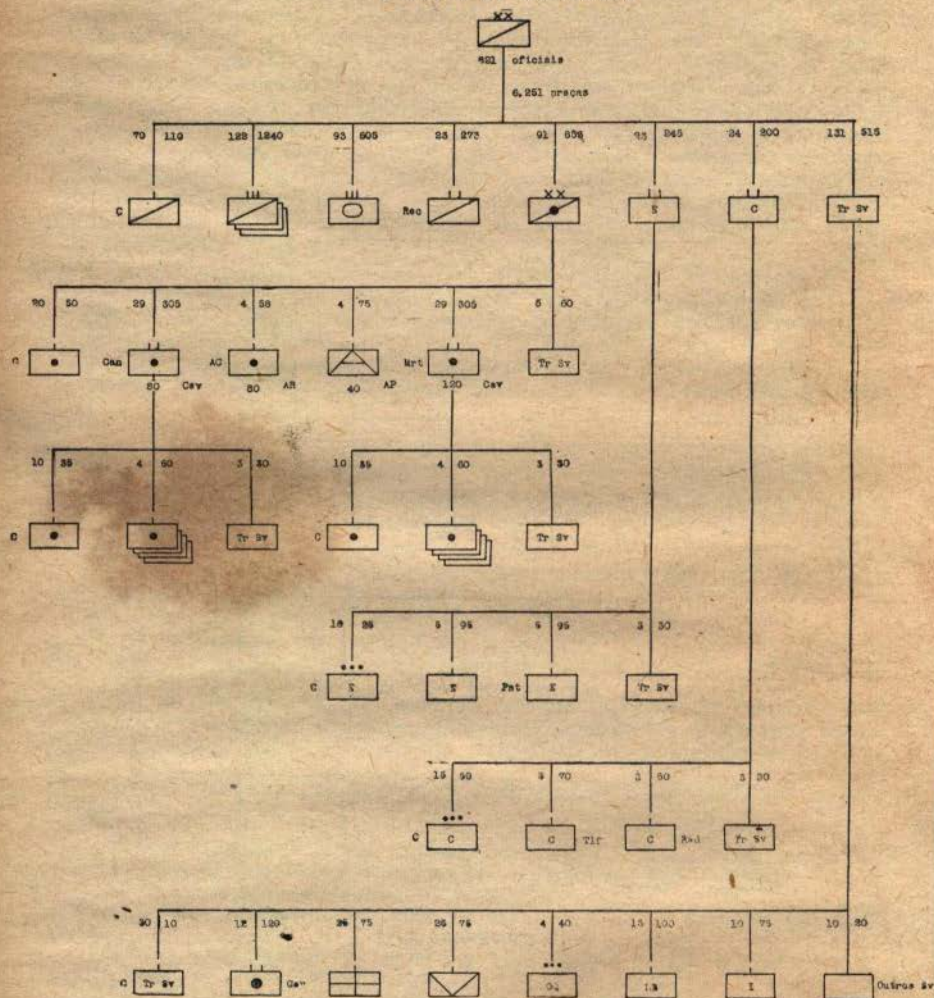
- Cmdo e Esqd Cmdo regimental;
- três grupamentos de cavalaria (Gr Cav);
- a artilharia regimental (Art/RC);
- a Tr Sv regimentais (Tr Sv RC); (Organograma n. 2)

1) O grupamento de cavalaria (23 oficiais e 273 praças é composto de:

- elementos de comando;
- dois esquadrões de cavalaria (Esqd Cav);
- um pelotão de metralhadoras pesadas (Pel Mtr P);
- um pelotão de morteiros (Pel Mrt);
- um pelotão anticarro (Pel AC);
- um pelotão de serviços (Pel Sv).

O grupamento de cavalaria do RC tem organização idêntica à do Gr Cav Rec e ao do Gr da DI de montanha.

DIVISÃO DE SAVAMARIA



(Organograma n. 2)

2) A artilharia regimental, com 14 oficiais e 176 praças, inclui os seguintes elementos:

- um oficial comandante;
- uma bateria de morteiros de dorso (4 peças de 105 mm);
- uma bateria de obuses de dorso (4 peças de 80 mm);
- uma bateria anticarro hipomóvel (4 peças de 80 mm);
- um pelotão de metralhadoras antiaérea em cargueiros (4 Mtr 12,5).

3) A tropa dos serviços regimentais, cujo efetivo totaliza 24 oficiais e 215 praças, compreende:

- um comando de serviços;
- um esquadrão de transporte hipomóvel;
- um pelotão de saúde;
- um pelotão de veterinária;
- uma secção de manutenção;
- uma secção de guerra química;
- uma secção de suprimentos.

O Esqd Trnp Hipo é constituído de um Pel de transporte a 40 viaturas de 2 toneladas, cada viatura tracionada por 2 animais, e um Pel Trnp de dorso, com 40 cargueiros.

c) O RCC Can 80 é uma unidade blindada cujo efetivo alcança 93 oficiais e 605 praças e tem organização idêntica à do RCC da DI:

- Pel Cmdo;
- dois BCC;
- um Gr Can AP;
- um Esqd SV.

1) O núcleo principal do BCC é constituído de dois Esqd de carros de combate a três pelotões, cada Pel com três carros de combate modelo T40, dotados de canhão de 80 mm.

2) O Gr de Can é organizado a 4 baterias, cada uma delas a 2 Sec, com 2 peças 105 AP por secção e mais uma peça por bateria, totalizando 20 canhões.

d) O Gr Cav Rec, cuja organização é idêntica à do Gr do RC, já mencionado acima, possui:

- 2 Esqd Cav, a 2 Pel Fzo cada um;
- um Pel Mtr a 4 peças;
- um Pel Mtr a 4 peças de 80 mm;
- um Pel AC com 4 Can sem recuo de 80 mm.

1) O Pel Fzo com um oficial e 34 praças inclui 4 GC a 8 homens cada grupo, dotados de um FM, 7 submetralhadoras e um lança-rojão anticarro de 80 mm.

e) Artilharia Divisionária:

A AD conta com uma organização bastante mais leve que a sua congênera da DI. Totalizando 91 oficiais e 853 praças a AD inclui:

- Cmdo e Bia Cmdo;
- G Can Cav;
- G Mrt Cav;
- Bia AC M;
- Bia AA M;
- Bia Sv.

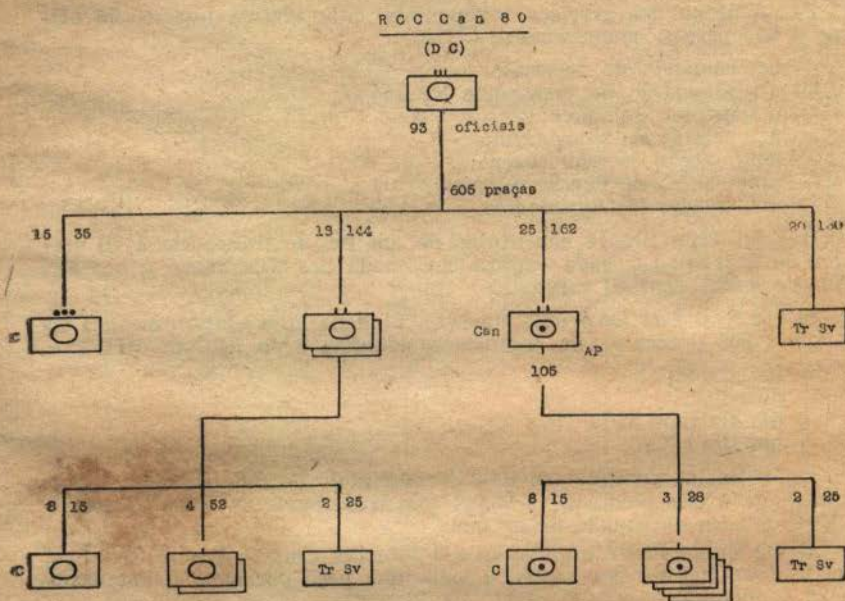
1) O grupo de canhões hipomóveis (G Can Cav) tem 29 oficiais e 305 praças no efetivo e compreende 4 baterias de 4 canhões de campanha de 80 mm, cada uma.

2) O grupo de morteiros (G Mrt Cav) tem o mesmo efetivo e organização semelhante, cada bateria com 6 peças de morteiros de 120 mm.

3) A bateria anticarro motorizada (Bia AC M) dispõe de três secções anticarro, a dois canhões de 80 mm auto-rebocados cada secção.

4) A bateria antiaérea motorizada (Bia AA M) também dispõe de três secções, cada uma delas dotada de dois canhões AA de 40 mm.

(Organograma n. 3)



(Organograma n. 3)

f) Batalhão de Engenharia:

O BE com o efetivo de 23 oficiais e 245 praças tem seu núcleo baseado numa Cia. E e uma companhia de pontes de engenharia com 50 metros de ponte de 40 toneladas.

g) Batalhão de Comunicações:

O B Com que totaliza 24 oficiais e 200 praças, é constituído essencialmente de uma companhia de telefonistas e um companhia de radio-telegrafistas.

h) Tropa dos Serviços Divisionários

O efetivo total da tropa dos serviços da DC atinge 131 oficiais e 515 praças. No seu conjunto se encontram:

- um Esqd Trnp Hipo idêntico ao do RC;
- um esquadrão de saúde;
- um esquadrão de veterinária;
- um pelotão de guerra química;
- um esquadrão de manutenção;
- um esquadrão de suprimento, além de outros destacamentos menores.

(Continua no próximo número)